

**A PRONÚNCIA DA VOGAL PRETÔNICA /e/  
NOS FALARES DA REGIONAL DO JURUÁ E DO PURUS:  
UM ESTUDO DIALETOLÓGICO E COMPARATIVO**

*Darlan Machado Dorneles (UFAC)*

[darlan.ufac@yahoo.com.br](mailto:darlan.ufac@yahoo.com.br)

*Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)*

[lindinalvamessias@yahoo.com.br](mailto:lindinalvamessias@yahoo.com.br)

## **1. Introdução**

A variação na pronúncia da vogal pretônica /e/ é um fenômeno de alta produtividade no português brasileiro, pois essa vogal pode ser realizada fechada, aberta ou alçada, dependendo da região ou mesmo do falante. (NASCENTES, 1953; MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, 1970; CRITÓFARO SILVA, 1999; LEITE & CALLOU, 2004).

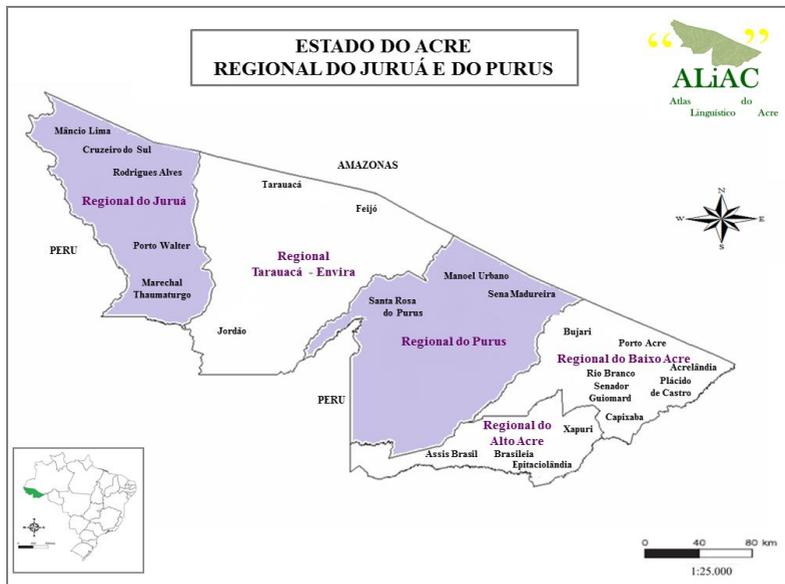
Diante disso, analisaremos, neste estudo, a realização dessa vogal no banco de dados do projeto “Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)”, mais precisamente nas gravações dos informantes da Regional do Juruá (municípios de Cruzeiro do Sul e de Porto Walter) e Purus (municípios de Sena Madureira e de Santa Rosa do Purus). Partimos do pressuposto, também adotado por Pereira<sup>11</sup> (2011), de que está havendo o fechamento da pretônica /e/ na fala de informantes da faixa etária mais jovem, em contraponto à pronúncia aberta dos mais antigos, legado dos nordestinos nas primeiras povoações do Acre. Dessa forma, compararemos os dados das duas regionais citadas aos de Pereira (2011) no intuito de apresentar um perfil da vogal pretônica /e/ na fala acriana.

## **2. Localidades: breve descrição**

Os pontos de inquérito do ALiAC na Regional do Juruá são os municípios de Cruzeiro do Sul e Porto Walter; na Regional do Purus são Sena Madureira e Santa Rosa do Purus, escolhidos em função da importância, da localização geográfica e do número de habitantes.

---

<sup>11</sup> A autora estudou a realização aberta ou fechada da vogal das vogais médias pretônicas /e, o/ na fala de uma zona urbana de Rio Branco. No presente trabalho revisitamos a questão, estendendo o estudo para outras localidades do Estado do Acre.



De acordo com os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Cruzeiro do Sul possui população de 78.507 habitantes e ocupa uma área de 8.779 km<sup>2</sup>, Porto Walter tem uma área de 6.444 km<sup>2</sup> e população de 9.176 habitantes, Sena Madureira contempla uma área de 23.751 km<sup>2</sup>, contendo 38.029 habitantes, Santa Rosa do Purus apresenta uma população de 4.691 habitantes e detém uma área de 6.146 km<sup>2</sup>.

### 3. Aspectos teóricos

#### 3.1. Estudos sobre as vogais pretônicas no português brasileiro

Desde Antenor Nascentes (1953) as vogais pretônicas têm sido um amplo objeto de estudos no português brasileiro. Esse clássico autor dividiu dialetalmente o Brasil em dois grandes grupos, do norte – pronúncia aberta – e do sul – pronúncia fechada –, essa divisão repartiu o cenário linguístico estabelecendo, sobretudo um panorama dialetal nacional.

Mattoso Câmara Júnior (1970), em uma perspectiva estruturalista, define as vogais levando em consideração a posição na palavra, em posi-

ção tônica: sete vogais /a, e, ε, i, o, ɔ, u/, em posição pretônica cinco: /a, e, i, o, u/, e em posição átona final três: /a, i, u/. Ocorre essa redução vocálica devido ao processo de neutralização, que consiste por sua vez na perda do traço distintivo entre dois fonemas.

Cristóvão Silva (2003, p. 81), afirma que no caso das pretônicas, palavras como *dedal* ou *modelo*, por exemplo, podem ser pronunciadas abertas (d[ε]dal / m[ɔ]delo) ou fechadas (d[e]dal / m[o]delo), pois a variação na pronúncia das vogais pretônicas /e/ e /o/ é uma “marca de variação dialetal geográfica ou mesmo de idioleto”.

As vogais pretônicas vêm sendo analisadas no português brasileiro através de diferentes subáreas da ciência da linguagem, tais como: dialetologia, geolinguística, fonética ou sociolinguística, corroborando, sobretudo para com a demarcação dialetal do português brasileiro.

Destacaremos, a seguir, de modo geral, considerações acerca dos estudos empreendidos por: Leite e Callou (2003), Brandão e Cruz (2005), Pereira (2011), Razky, Lima e Oliveira (2012) sobre a abertura e fechamento das pretônicas.

Leite e Callou (2004, p. 39) ressaltam que os estudos das vogais pretônicas têm servido não só para fazer diferenciações “entre os falares brasileiros, mas também entre o português do Brasil e de Portugal”. Com o intuito de estabelecer assim como Nascentes uma linha divisória entre os falares do norte e do sul essas autoras determinam através de pesquisas os limites relativos em cinco grandes capitais brasileiras obtendo no tocante as pretônicas médias abertas [ε] e [ɔ] os seguintes percentuais: “60% em Salvador, 47% em Recife, 5% no Rio de Janeiro, 0% em São Paulo e 0% em Porto Alegre”.

Brandão e Cruz (2005) examinam com base no “*Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*” e no “*Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*” as vogais médias pretônicas através das cartas fonéticas desses dois atlas. Os resultados revelaram:

o predomínio da média fechada (46%) na fala do Amazonas e da média aberta (36%), na do Pará, embora, neste último caso, a variante concorra com a média fechada (35%), tendo em vista que a diferença que as separa é de apenas um ponto percentual.

Essas autoras confirmaram através do exame das cartas fonéticas do ALAM e do ALiSPA a existência “na fala amazonense e na paraense, de vogais abertas em situação pretônica, como sugerira Nascentes na sua

proposta de divisão dialetal do Brasil em áreas linguísticas”.

Pereira (2011) ao analisar em uma zona urbana de Rio Branco – Acre à luz da sociolinguística as realizações abertas e fechadas das vogais médias pretônicas /e, o/ com um *corpus* de 36 informantes, 18 do sexo feminino e 18 do masculino, nas faixas etárias 15 a 29, 30 a 45 anos e 46 a 60, com nível de escolaridade no ensino fundamental e no superior conclui que os homens são os que mais se destacam quanto à abertura, sobretudo da faixa etária mais jovem (15-29 anos) entre os níveis médio e superior.

Razky, Lima e Oliveira (2012) analisam as vogais médias pretônicas no falar paraense com base no “*Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*”. Os resultados revelam uma preferência pela pronúncia fechada dessas vogais, pois: “as variantes [o] e [e] foram as que se mostraram mais frequente no estado, seguidas, respectivamente, por [ó] (26%) e [u] (23%), para a média posterior; e [é] (35%) e [i] (23%), para a média anterior”. Por fim, a conclusão que esses autores chegaram foi que os resultados impõem uma revisão da proposta de Nascentes, “uma vez que demonstram que o Pará, possuindo norma de pronúncia *fechada* das vogais médias pretônicas, não pode ser agrupado aos estados do nordeste brasileiro, como imaginava Nascentes”.

### **3.2. Dialetoлогия e geolinguística**

A dialetoлогия é o ramo da linguística que estuda e demarca os dialetos; seu método é a geografia linguística ou geolinguística que é comumente empregada na construção de atlas linguísticos. De acordo com Cruz (2004, p. 20), a geolinguística é o “método por excelência da dialetoлогия – ainda hoje se mostra eficaz para o conhecimento das variantes populares do português do Brasil”. Com a elaboração de atlas linguísticos tem-se:

[...] cartas em que o material linguístico está distribuído espacialmente e constitui um instantâneo dialetal da área explorada, podendo-se observar a pronúncia e os meios de expressão de que dispõe o grupo humano estudado. (CRUZ, 2004, p. 20).

No tocante ao percurso evolutivo desse ramo da linguística, Alencar (2011, p. 27) diz que:

[...] a dialetoлогия e a geolinguística vêm se transformando e ampliando o seu escopo *pari passu* com as transformações que ocorrem não só na linguagem, mas na sociedade como um todo. No Brasil do século XIX, a perspectiva era

outra, uma dialetologia voltada para o estudo da língua de uma população, na grande maioria, sem escolaridade, predominantemente, da zona rural. A visão atual é bem diferente. Falamos do século XXI, em plena era eletrônica, em que o português passa por um processo de explosão e internacionalização do vocabulário.

A dialetologia e a geolinguística, portanto, contribuem para a demarcação e para o registro histórico da variação linguística em uma determinada época, buscando, sobretudo, entender e desvelar um pouco da riqueza que é a linguagem verbal humana.

#### **4. Aspectos metodológicos**

Para este trabalho, utilizamos o banco de dados do projeto “*Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)*”, cujos pressupostos teóricos pautam-se na dialetologia e na geolinguística contemporânea. O *corpus* foi recolhido através da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico do projeto “*Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*” na Regional do Juruá e na Regional do Purus.

Os dados foram registrados com um gravador digital e um microfone unidirecional para garantir a qualidade do som; em seguida, foram salvos em computador e gravados em CDROM. Selecionamos as palavras que apresentam variação das pretônicas, transcrevemos grafemática e foneticamente e, na análise, consideramos:

A) Os fenômenos de:

- abertura e fechamento da vogal pretônica /e/;
- casos em que a pretônica /e/ sofreu o processo de alçamento ou foi trocada por [o].

B) Variação Diassexual e Diageracional:

- sexo que mais abriu e fechou a vogal pretônica /e/;
- idade que mais abriu e fechou a vogal pretônica /e/.

São 16 informantes, 8 do sexo feminino e 8 do masculino, com escolaridade máxima até o 5º ano do ensino fundamental, distribuídos em duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos), sendo todos naturais da localidade e não tendo dela se afastado por um terço de suas vidas.

O *corpus* ficou constituído de 512 realizações nas seguintes palavras, faladas pelos 16 informantes: terreno, televisão, tesoura, elétrico,

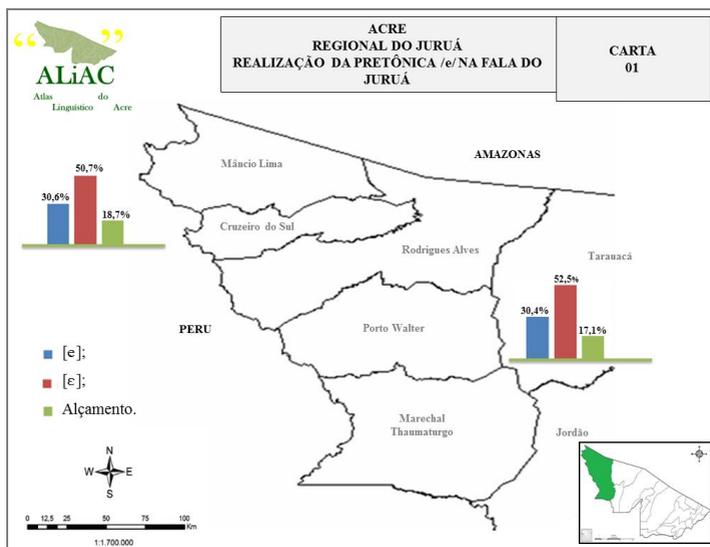
fecha, grelha, peneira, fervendo, cebola, elefante, remando, estrada, segu-ro, **real/reais**, deve, prefeito, escola, defesa, pernambucano, questão, pe-go, pecado, perdão, pescoço, ferida, **desmaio**, perfume, **perdida**, pergun-tar, presente e esquerdo.

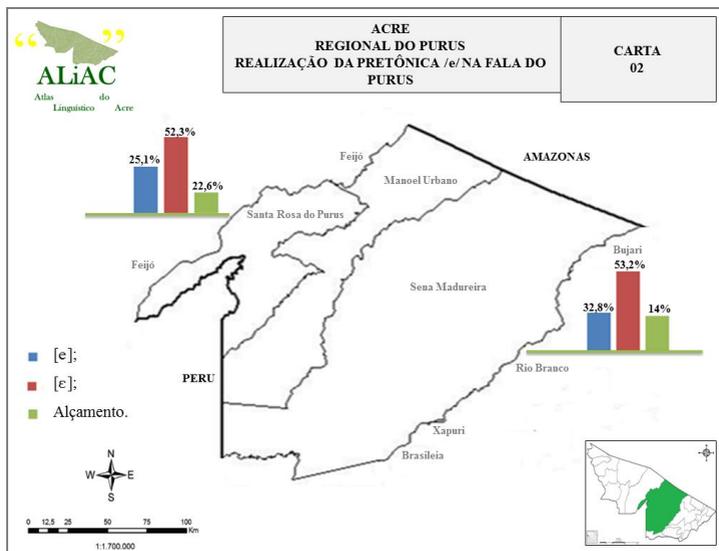
Após as transcrições das palavras selecionadas, analisamos a rea-lização da vogal média pretônica /e/, considerando a abertura e o fecha-mento, para que assim resultassem em índices percentuais. Feito isso, os dados foram representados em forma de cartas geolinguísticas.

### 5. Apresentação dos cartogramas

Na primeira carta abaixo exibimos os resultados da realização da pretônica /e/ nos dois municípios que integram a Regional do Juruá (Cruzeiro do Sul e Porto Walter). De modo geral, visualiza-se em termos percentuais a pronúncia fechada, aberta ou alçada dessa vogal.

Há uma maior preferência da pronúncia aberta da vogal pretônica /e/, 50,7% (Cruzeiro do Sul), 52,5% (Porto Walter), embora, o processo de fechamento não tão numeroso quanto o de abertura, revele 30,6% em Porto Walter e 30,4% em Cruzeiro do Sul. Tem-se um equilíbrio no pro-cesso de alçamento, 18,7%, Cruzeiro do Sul, 17,1%, Porto Walter.





Na segunda carta apresentamos os resultados da Regional do Purus (Sena Madureira e Santa Rosa do Purus). Assim como na Regional do Juruá, visualiza-se, de modo geral, como a vogal pretônica /e/ está sendo realizada, fechada, aberta ou alçada. No verso desta carta destaca-se também a variação diasssexual e a diageracional.

O processo de abertura da vogal pretônica /e/ é expressivo na fala da Regional do Purus, constata-se um equilíbrio entre Santa Rosa do Purus (52,3%) e Sena Madureira (53,2%). O processo de fechamento não tão numeroso revela um percentual de 32,8% em Sena Madureira e 25,1% em Santa Rosa do Purus. Os resultados do alçamento foram bem diferenciados em ambas as cidades, 22,6% em Santa Rosa do Purus e 14% em Sena Madureira.

## 6. *Comparações dos dados das regionais com os de Pereira (2011)*

Comparamos os percentuais da Regional do Juruá (2011), Purus (2012), Alto Acre (2012) e os obtidos por Pereira (2011) no que tange a variação diasssexual e diageracional e obtivemos no quadro n. 1 um perfil geral da pronúncia do /e/ pretônico no Estado do Acre.

Fator gênero	Regional do Juruá (2011)			Regional do Purus (2012)			Regional do Alto Acre (2012)				Pereira - Rio Branco (2011)	
	e	ɛ	Alça-mento	e	ɛ	Alça-mento	e	ɛ	Alça-mento	Troca por [o]	e, o	ɛ, o
Masc.	13,2 %	26,9 %	9,7%	19,6 %	20,7 %	9,7%	32,8 %	5,0 %	11,2 %	0,1%	61 %	59 %
Fem.	17,2 %	24,6 %	8,2%	23,2 %	18,3 %	8,5%	30,7 %	9,6 %	9,5%	0	38 %	41 %

Quadro 1. Comparação da Regional do Alto Acre, Juruá e Purus com os dados de Pereira (variação diasssexual)

Os dados referentes ao alçamento contam apenas por haver ocorrências na nossa amostra, não sendo, contudo, objeto de nossa pesquisa.

No que concerne à abertura / fechamento da vogal, iniciamos por comentar as duas regiões que apresentam comportamento diferenciado.

Observamos a predominância da realização aberta na Regional do Purus, tanto no sexo masculino (26,9%) quanto no feminino (24,6%), em detrimento da realização fechada, 13,2% para a população masculina e 17,2% para a população feminina.

Essa tendência à abertura não se repete na regional do Alto Acre, que apresenta maiores índices para o fechamento, 32,8% no grupo masculino e 30,7% no feminino.

Note-se que nas duas regiões os percentuais para os dois grupos (masculino e feminino) são bastante aproximados, demonstrando, portanto, que o fator gênero não é muito importante nos resultados.

O dado surpreendente é a preferência pela abertura em uma regional e pelo fechamento em outra em um estado de pequena dimensão geográfica e com processo de ocupação similar em todo o seu território.

Nesse ponto, seria interessante verificar o que está acarretando essa diferença, se ela pode estar ligada a algum processo de ocupação da referida regional, possivelmente por pessoas da região central, sul ou sudeste do país.

A Regional do Purus apresenta números bastante próximos tanto no que se refere à escolha da variante, no caso, 19,6% para [e] e 20,7% para [ɛ] na faixa masculina e 23,2% para [e] e 18,3% para [ɛ] na faixa feminina, quanto na influência do fator sexo nessa escolha: [e] com 20,7% nesse mesmo primeiro grupo e 18,3% no segundo.

Comparando nossos dados aos de Pereira (2011), deparamos com

uma dificuldade pelo fato da autora ter juntado, em sua análise, as realizações de /e/ e de /o/, contudo, é possível perceber que as duas pronúncias (aberta e fechada) de ambas as vogais são, em seus dados, bem equilibradas, com pouca diferença nos percentuais.

Notamos que, ressalvadas as devidas proporções visto que o *corpus* de Pereira é muito superior ao nosso, há uma aproximação entre as realizações do Purus e as de Rio Branco, capital do estado, apontando ambas para o equilíbrio entre as produções aberta, fechada da vogal.

No entanto, esse equilíbrio não se repete, nos de Pereira, quanto à influência do fator sexo, com o grupo masculino se destacando em ambas as realizações (61% e 59% em detrimento de 38% e 14% respectivamente).

Essa análise inicial nos deixa diante da seguinte situação: tendência à abertura na Regional do Juruá; tendência ao fechamento na Regional do Alto Acre; certo equilíbrio entre as duas pronúncias na Regional do Purus e na capital do estado.

No quadro 2, a seguir, verificaremos a variação diageracional dos informantes.

Fator idade	Regional do Juruá (2011)			Regional do Purus (2012)			Regional do Alto Acre (2012) <sup>2</sup>				Pereira – Rio Branco (2011)	
	e	ɛ	Alçamento	e	ɛ	Alçamento	e	ɛ	Alçamento	Troca por [e]	e, o	ɛ, o
15 – 29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	30,99%	43,9%
30 – 45	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47,2%	29,3%
46 – 60	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,9%	26,5%
18 – 30	16,2%	25,3%	8,5%	21,6%	19,5%	8,9%	31,9%	9,4%	8,7%	-	-	-
50 – 65	14,2%	25,3%	10,5%	21,2%	19,5%	9,3%	29,6%	8,2%	12,1%	0,1%	-	-

Quadro 2. Comparação da Regional do Alto Juruá e Purus com os dados de Pereira (variação diageracional).

No que tange à idade dos informantes, os percentuais são bastante aproximados nas três regionais: Na Regional do Juruá, na realização [e], temos 16,2% na faixa de 18 a 30 anos e 14,2% na faixa de 50 a 65.

Na realização [ɛ], o percentual é o mesmo, 25,3%, para ambas as faixas; na Regional do Purus, os resultados são ainda mais próximos, 21,6% para [e] na primeira faixa e 21,2% na segunda.

Na realização [ɛ], as duas faixas apresentaram o mesmo percentual, 19,5%; na regional do Alto Acre, a tendência ao equilíbrio entre as

duas faixas etárias permanece, com 31,9% de realizações [e] na faixa mais jovem e 29,6% na faixa mais velha.

As realizações [ɛ] obtiveram um percentual de 9,4% na primeira faixa e 8,2% na segunda. Nessa região, houve, ainda, uma troca do fonema por [o], na palavra: esquerdo.

Embora as faixas etárias de Pereira não sejam as mesmas trabalhadas neste estudo, podemos observar que a produção fechada é maior que na mais jovem, o que contrariou a hipótese da autora.

## 7. Considerações finais

Observamos a tendência ao processo de abertura na Regional do Juruá e do Purus, bem como um equilíbrio quase uniforme nos percentuais em relação à influência dos fatores gênero e idade. Logo, os resultados atestados na análise dessas duas regionais mostram que a proposta lançada por Nascentes (1953) ainda continua válida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. *Revista de Letras*, Vol. 30, n. 1/4, jan. 2010/dez. 2011.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Um estudo contrastivo sobre as vogais pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Lingüístico do Amazonas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sena Madureira*. Disponível em:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=120050>>.  
Acesso em: 21-01-2013.

\_\_\_\_\_. *Santa Rosa do Purus*. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=120043>>.  
Acesso em: 21 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. *Cruzeiro do Sul*. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=120020>>.  
Acesso em: 21-01-2013.

\_\_\_\_\_. *Porto Walter*. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=120039>>.  
Acesso em: 21-01-2013.

MESSIAS, Lindinalva. *Projeto Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)*. CEDAC/UFAC, 2012.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PEREIRA, Ceildes da Silva. *A realização aberta ou fechada das vogais médias pretônicas /e, o/ no falar de uma zona urbana de Rio Branco (AC)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Acre, 2011.

RAZKY, Abdelhak. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiS-PA)*. Belém, 2004. 1.1. CD-ROM.

\_\_\_\_\_; LIMA; Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. As vogais médias pretônicas no falar paraense. In: *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/1, p. 293-310, jun. 2012.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas / Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia, 1957.

**A SOCIOLINGUÍSTICA  
NO LIVRO DIDÁTICO *LEITURA DO MUNDO***

Soraia Aparecida Roques Pereira (UEMS)

[soraiaerpereira@hotmail.com](mailto:soraiaerpereira@hotmail.com)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@hotmail.com](mailto:natanielgomes@hotmail.com)

**1. Introdução**

O ensino da língua padrão é tido pelas escolas como um instrumento de suma importância para promover a diminuição das desigualdades sociais e para isso tem-se utilizado uma metodologia de ensino centrada nas teorias gramaticais transmitindo a ideia de que aprender a língua significa ter o domínio da gramática padrão, que privilegia o uso da escrita em detrimento à fala.

Considera-se que para o pleno exercício da cidadania faz-se necessário o domínio da palavra e que, de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN (1997, p. 32) “cabe a escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral em diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais.”

Observar-se que a competência da fala precisa ser trabalhada constantemente para que o discente desenvolva suas habilidades de expressão na sociedade. Diante desta problemática, procede-se à análise do livro didático *Leitura do Mundo*, de língua portuguesa voltado para o 6º ano do ensino fundamental, a fim de certificar a maneira como a autora Lucia Teixeira e Norma Discini propõe o trabalho com a expressão oral.

O objetivo desse artigo é de instigar os docentes para que façam uma crítica sobre o material didático de que dispõe, a fim de que procurem apoio em outros materiais caso o seu livro didático não aborde de maneira satisfatória a expressão oral bem como as variantes da língua.

A intenção aqui é fazer um pequeno estudo da língua direcionada para a linguagem verbal falada; a partir da análise da proposta de expressão oral do livro didático *Leitura do Mundo*, pela conclusão que apresenta os resultados obtidos, destacando que o trabalho não tem como meta avaliar os materiais estudados.